

Por que a Inteligência Artificial não faz justiça?



Por **ARI MARCELO SOLON***

Heidegger mostra que a decisão judicial verdadeira não é cálculo, mas kairós: síntese do instante cristão (Kierkegaard), da prudência aristotélica (phrónesis) e da irrupção bíblica do tempo. Enquanto a IA reproduz normas, o juiz humano cria... no piscar de olhos onde o futuro irrompe

"(...)the Golem's intelligence lag behind the human – that is to say, it lacks that spontaneity which alone makes Man what he is."

(Gershom Sholem, The Golem of Prague & The Golem of Rehovoth).

Martin Heidegger possui três fontes para falar o que é a decisão do juiz.

A primeira é o tempo bíblico. Quem falou que temos que tomar a decisão num momento, nesse instante, e não no calendário? Paulo, na *Carta aos Tessalonicenses*. O tempo bíblico não é um tempo que se calcula. A decisão, portanto, não é cronológica, é *kairós*. É preciso estar existencialmente pronto, pois o "Messias virá como ladrão na calada da noite".

A segunda fonte é a interpretação kierkegaardiana de Paulo. Søren Kierkegaard chama o instante de *Augenblick*, "piscar de olhos". A filosofia não estaria equipada para dizer qual é o momento em que o juiz decide com justiça. A filosofia é o presente dos gregos. Platão, o maior filósofo de todos os tempos, não consegue entender o momento de suspensão da realidade.

Em uma nota de rodapé de *O conceito de angústia*, o filósofo dinamarquês explica que para o grego a natureza é constante e ele não consegue transformar esse instante revolucionário: "Entretanto, a unidade deve ser, é o que está dito ali, e define-se então o 'ser' da seguinte maneira: participação numa essência ou numa essencialidade no tempo presente (το δε ειναι αλλο τι εστι η μεθεξις ουσιας μετα χρονου του παροντος §151E). Na exposição mais detalhada das contradições, mostra-se então que o presente (το νυν) vacila entre significar o presente, o eterno, o instante. Este Agora (το νυν) encontra-se entre "era" e "será", e a unidade não pode, ao progredir do que passou para o que virá, pular por cima do Agora. Ela se imobiliza, portanto, dentro do Agora [inde i Nu'et], não se torna mais velha, mas é mais velha. Na filosofia mais recente, a abstração culmina no ser puro; mas o ser puro é a expressão mais abstrata da eternidade e é, como nada, justamente de novo o instante. Aqui se mostra mais uma vez quão importante é o "instante", pois só com esta categoria se consegue dar à eternidade o seu significado [sin Betydning, sua importância], na medida em que a eternidade e o instante se tornam os opostos mais extremos, enquanto que, de resto, a bruxaria dialética faz a eternidade e o instante significarem o mesmo. Só a partir do cristianismo dá para compreender sensualidade, temporalidade e o instante, exatamente porque apenas com o cristianismo a eternidade se torna essencial."

Para além da palavra "*eksaifnis*", da filosofia platônica, Søren Kierkegaard visa o milagre.

A terceira fonte é a filosofia grande: Aristóteles. No Livro VI de *Ética a Nicômaco*, que não é a parte jurídica, está o

momento da decisão judicial. E ali está o fundamento filosófico que explica a incapacidade da Inteligência Artificial de decidir autenticamente.

O livro trata das virtudes dianoéticas, quer dizer, das virtudes práticas: *poiesis* e *práxis*.

De fato, por meio da produção da *poiesis*, criamos o direito. Ontologicamente, se faz o processo segundo a norma jurídica, subsumida logicamente da lei e da constituição. *Poiesis* é, por exemplo, fazer uma constituição.

No entanto, o capítulo da decisão judicial autêntica não é sobre a *poiesis*. É sobre a *phronesis*, prudência. Ontologicamente, ela não está submetida a nenhum cálculo, mas na liberdade que abandona o passado e mira o futuro. A decisão judicial autêntica cria o novo. O robô, que se sustenta na fabricação jurídica, é incapaz de piscar os olhos, de ter o momento de visão ou a experiência do *insight*.

A revelação do momento transformativo, que não é a eternidade grega, são milagres sucessivos: o tempo significativo onde momentos significantes podem reconfigurar o sentido da vida.

A genialidade de Martin Heidegger consistiu em combinar aquilo que para Søren Kierkegaard era incompatível: a filosofia clássica e o sentido de *Kairós*.

***Ari Marcelo Solon** é professor na Faculdade de Direito da USP. Autor, entre outros, livros, de Caminhos da filosofia e da ciência do direito: conexão alemã no devir da justiça (*Prisma*). [<https://amzn.to/3Plq3jT>]

Referências

HEIDEGGER, M. *Fenomenologia da vida religiosa*. Petrópolis, Vozes, 2015.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Petrópolis, Vozes, 2015.

KIERKEGAARD, S. *O conceito de angústia*: uma simples reflexão psicológicodemonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário. Petrópolis, Vozes, 2017. p. 140-142.

SCHOLEM, G. *The Golem of Prague & The Golem of Rehovoth*. Commentary, Nova York, janeiro de 1966. Disponível em: <https://www.commentary.org/articles/gershom-scholem/the-golem-of-prague-the-golem-of-rehovoth/>.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)